

## Relato de experiência: visita de alunos da APAE no evento *Conhecendo o cérebro 2015*<sup>i</sup>

Experience report: APAE students' visit to the "Getting  
to know the Brain 2015" Event

**Monara Nelid Fortuna Vieira**

Universidade Estadual do Norte do Paraná

**Ohana Turcato Macacare**

Universidade Estadual do Norte do Paraná

**Ellen Mayara Souza Cruz**

Universidade Estadual do Norte do Paraná

**Mathilde Tiellen Mariquito**

Universidade Estadual do Norte do Paraná

**Luiz Renato Martins da Rocha**

Universidade Estadual do Norte do Paraná

**Roberta Ekuni**

Universidade Estadual do Norte do Paraná

---

**Resumo:** Há um aumento do interesse da população pelos temas da Neurociência, estampado em capas de revistas e presente em pautas de notícias midiáticas, em filmes e muitas vezes em produtos comerciais. Diante disso, observa-se que a divulgação neurocientífica é útil para auxiliar na alfabetização (neuro)científica e para que tais descobertas se propaguem de forma adequada à população. Nesse contexto, surge o evento "Conhecendo o Cérebro" que faz parte da Semana Nacional da Ciência e Tecnologia e tem, como objetivo, divulgar a neurociência por meio de exposições, feira de ciências, atividades lúdicas e artísticas e experimentos para a população, incluindo um horário de visitação para as APAES. Assim, o presente trabalho teve como objetivo principal apontar, através de relatos, as experiências vivenciadas no evento com esse público-alvo, com foco na interação social. Como resultado, duas APAES visitaram o evento em dois momentos. De forma atrativa, lúdica e prática, foi possível divulgar Neurociências aos alunos das APAEs que interagiram com a equipe e relataram aos seus professores que gostaram das atividades. Os professores classificaram a atividade como enriquecedora e os monitores/expositores do evento gostaram da experiência. Conclui-se que atividades de divulgação científica devem incluir pessoas com deficiência que, muitas vezes, são marginalizadas por ações pouco inclusivas e contemplativa das diferenças.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Neurociência. Divulgação científica. Pessoas com deficiência.

**Abstract:** People are increasingly interested in Neuroscience themes, which feature in magazine covers and are present in mediatic news items, films and even commercial products at times. Given

that, neuroscientific promotion is useful both to help people be (neuro)scientifically literate and to adequately spread such discoveries to them. In such context, the “Getting to Know the Brain” event, which belongs in the National Week of Science and Technology, aims to promote neuroscience by means of science fairs, playful and artistic activities, and experiments exhibited to the audience, including a visiting period for children with special needs brought by the Associations of Parents and Friends of Children with Special Needs (APAEs). This paper therefore aimed to report the experiences shared by this target audience in the event, with an emphasis on social interaction. As a result, two APAEs visited the event twice. In an attractive, playful and practical fashion, it was possible to promote neurosciences to the APAE students, who interacted with the staff and told their teachers that they liked the activities. The teachers found the activity enriching, and the event monitors/exhibitors enjoyed the experience. It is concluded that science promoting activities must include disabled people, who are often marginalized by non-inclusive actions, thus making the differences more explicit.

**Keywords:** Special Education. Neuroscience. Scientific promotion. Disabled people.

---

## Introdução

A Neurociência é uma área interdisciplinar que estuda o funcionamento do cérebro (neurofisiologia), aliada à anatomia, biologia molecular, psicologia cognitiva, entre outras (KANDEL; SCHWARTZ; JESSEL, 2003). O encéfalo, popularmente conhecido como cérebro, subdividido em: cérebro, cerebelo e tronco encefálico, possui dois hemisférios (direito e esquerdo) e cinco lobos (frontal, parietal, temporal, occipital e ínsula) (MACHADO, 2000).

A produção de novos conhecimentos nessa área tem crescido desde a década de 90, conhecida como a “Década do Cérebro” (ARANHA; CHICHIERCHIO; SHOLL-FRANCO, 2015). Tanto o meio acadêmico quanto a população em geral se interessam por essa área, pois os temas estudados podem estar intimamente ligados ao cotidiano das pessoas (aprendizagem, sono, memória, distúrbios, etc). Assim, a Neurociência pode esclarecer muitos aspectos do funcionamento do cérebro, desde o ponto de vista psicológico até o fisiológico (NUNES, 2014).

Nesse sentido, é necessária a divulgação científica na área da neurociência. O termo ‘divulgação científica’ é utilizado para definir formas de comunicação, entre as quais, textos, programas de rádio e televisão, documentários, folhetos e guias informativos. A divulgação científica consiste num movimento de difusão do conhecimento científico produzido dentro da comunidade científica para fora de seu contexto original, sendo, portanto, um instrumento que difunde e compartilha os saberes (TRÓPIA, 2008). Apesar de parecer uma atividade recente, o surgimento da divulgação científica foi concomitante ao da ciência moderna no século XVIII, embora com menor amplitude e menos recursos (SILVA, 2006).

Aranha, Chichierchio e Sholl-Franco (2015) fazem um resgate histórico das iniciativas no Brasil de divulgar neurociência. Podemos ver na literatura algumas

dessas iniciativas voltadas à comunidade em geral (EKUNI *et al.*, 2014; MARTINS; MELLO-CARPES, 2014), às escolas (FILIPIN *et al.*, 2014) e em formas de feira de ciências voltadas para crianças e adolescentes (EKUNI *et al.*, 2016).

Devido à importância de ações de divulgação científica, desde 2014, o *Projeto de Extensão: Grupo de Estudos em Neurociência da UENP* (EKUNI *et al.*, 2014) organiza o evento de Extensão “Conhecendo o Cérebro” (EKUNI *et al.*, 2016), que faz parte da “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia”. O evento é gratuito e aberto a toda comunidade e tem, como principal objetivo, divulgar Neurociências de forma atrativa, lúdica e artística. Contudo, os alunos da educação especial ainda não haviam sido incluídos como público-alvo em eventos anteriores.

De acordo com a legislação vigente, são considerados alunos público alvo da educação especial as “pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2011). Nesse contexto, define-se como deficiência “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015).

A construção de uma educação inclusiva e contemplativa das diferenças pode ser evidenciada em importantes documentos e legislações que norteiam uma política voltada aos alunos da Educação Especial. Nossa Carta Magna estabelece, no inciso III do artigo 208, como dever do Estado, a garantia do “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Em 1994 foi publicada a Política Nacional de Educação Especial, que permite a participação de alunos com deficiência nas salas comuns. Em 1996, foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996) – que preconiza a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, e, pela primeira vez, trata especificamente sobre Educação Especial, dedicando três capítulos ao tema. Assim, as políticas foram definindo substancialmente a questão da Educação Especial e, aos poucos, as pessoas com deficiência vêm sendo incluídas na sociedade e na escola.

Desta forma, a escola deve adaptar-se ao aluno – e não esperar homogeneidade deles – e, para isso, é necessário uma cooperação entre equipe escolar, redes de apoio e a família do aluno. Quando se fala em educação inclusiva é porque, infelizmente, em outro momento se teve uma educação que não foi para todos; no século XX, por exemplo, a educação se deu de forma segregada, com salas exclusivas para separar os alunos com deficiência dos considerados ‘normais’ (BUENO, 1993). De acordo com Bueno (1993), a inclusão educacional está relacionada a movimentos sociais que buscam uma sociedade justa e igualitária da

qual os alunos com deficiência devem participar assim como de todas as atividades escolares, tendo direito de receber apoio especializado fora do turno da classe comum, a fim de se desenvolverem de forma satisfatória.

Diante disso, a organização do evento de Extensão “Conhecendo o Cérebro” tomou os devidos cuidados para que a aprendizagem e o envolvimento do grupo de pessoas com deficiência – mais especificamente os alunos de APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Bandeirantes e Andirá – fosse satisfatório e contemplativo.

Historicamente, fundada em 1954 por uma mãe de uma criança com Síndrome de Down, a primeira APAE, sediada no Rio de Janeiro, tinha como objetivo atender os problemas relacionados à deficiência ‘mental’. A Federação das APAES é filantrópica, de caráter cultural, assistencial e educacional, congregando como filiadas as APAES e outras entidades. No Estado do Paraná, a primeira APAE foi fundada em Curitiba no ano de 1962 (ALMEIDA, 2004).

Apesar da divulgação científica voltada para esse público-alvo não ser uma iniciativa inédita, ela não é muito comum. Por meio de uma revisão bibliográfica, foi possível encontrar outras iniciativas de divulgação científica voltadas a pessoas com deficiência, como a Universidade Federal de Itajubá-MG (UNIFEI) que inaugurou em 2012 um espaço chamado “InterCiências” (pequeno Centro de Ciências). Eles promoveram visita do CAIDI, Centro de Apoio de Integração do Deficiente de Itajubá “Anísio Cândido Ferreira”, a fim de estreitar laços de interação, tornando o espaço acessível e inclusivo. O CAIDI, assim como a APAE, é uma entidade filantrópica que não tem fins lucrativos e trabalha a interação e inclusão das pessoas com deficiências, tendo como missão resgatar autoestima, autonomia e independência delas, com a oferta de apoios ao seu desenvolvimento (MARQUES; COSTA, 2014).

Em 2014, o município de Suzano-SP também realizou uma interessante atividade inclusiva com alunos com perda auditiva, que se deu pela concretização de um evento chamado “Sarau com Libras”, com todo o suporte apropriado, no qual oito escolas da rede pública foram contempladas e 30 alunos com surdez foram atendidos. Os objetivos do evento foram: inteirar os alunos com surdez na comunidade escolar e estimular a acessibilidade para este público, uma vez que a educação constitui direito de todos os cidadãos e cabe ao sistema educacional fornecer condições de comunicação que garantam o acesso ao currículo e à informação. O resultado de tal iniciativa foi apontado pelos autores como satisfatório, pois os alunos e seus familiares se envolveram nas atividades e um maior interesse pela Língua de Sinais foi despertado (POLIZEL *et al.*, 2014).

Assim, o presente relato tem como objetivo relatar sobre os achados da divulgação neurocientífica para esse público-alvo por meio do Evento de Extensão “Conhecendo o Cérebro 2015”.

## **Matérias e Métodos**

O evento “Conhecendo o Cérebro 2015” foi realizado entre os dias 19 e 20 de outubro de 2015, no auditório Thomaz Nicoletti na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* Luiz Meneghel, com horário de funcionamento das 9h00 às 12h00 e das 14h00 às 17h00. O mesmo é organizado pelo Grupo de Estudos em Neurociência (GEN) da UENP e contou com o auxílio de alunos de graduação, professores da UENP e membros da comunidade.

Primeiramente, foi realizada a divulgação do evento por meio de distribuição de folders e de contatos por meio de ligações telefônicas, a fim de convidar as escolas, bem como fixar cartazes pelas cidades, além de publicações em redes sociais e anúncios na rádio local. Devido à divulgação realizada e, também, à experiência do ano anterior, os organizadores não sabiam precisamente quantas pessoas frequentariam o evento. Para fins de controle dos organizadores, um livro de visitas foi deixado na entrada do auditório com a supervisão de um monitor, que solicitava aos visitantes que registrassem nome, idade e escola pertencente.

### *Atendimentos dos alunos das APAEs*

Diante do contato da coordenadora de uma APAE com a coordenação do evento, ambas acharam conveniente, em virtude do não controle do fluxo de visitantes e considerando que, na edição passada, houve mais de 100 pessoas no mesmo horário, que o evento ofertasse um horário de visita extra para esse público-alvo, de modo a interagir de forma eficiente com os alunos. Desse modo, no dia 20 de outubro de 2015, o evento começou a funcionar às oito horas, exclusivamente para visita das APAEs do Município de Andirá e do Município de Bandeirantes. Ressalte-se que a coordenação do evento os deixou livres para permanecerem o tempo que achassem adequado, bem como visitar em outro horário, o que ocorreu no período da tarde.

### *Disposição e organização dos estandes*

O auditório foi organizado estilo ‘Feira de Ciências’, no qual cada estande continha uma mesa, banner informativo e objetos/peças práticas relacionadas ao tema de divulgação, conforme mostra a figura abaixo.



Figura 1 – Representação da disposição dos estandes no local do evento

Em cada atividade, havia de um a três monitores/expositores responsáveis (alunos e/ou professores) por explicar os tópicos e conduzir os experimentos que variavam de uma pintura a exercício físico. No total, foram necessárias 37 pessoas para execução do evento, dentre elas, organizadores e monitores.

Havia 14 estandes com temas variados, sendo que 10 eram iguais do ano anterior e outros quatro apresentavam temáticas diferenciadas (EKUNI *et al.*, 2016). Os estandes que se repetiram foram: 1. *O cérebro e a percepção*, subdivididos em: visão; audição; tato; olfato e gustação; 2. *Stand do cérebro*, subdividido em: pinte o cérebro no papel; cérebro de gesso; neurobalão (bexigas para fazer neurônios); neuroanatomia (apresentação de peças anatômicas e modelos de cérebro); 3. *Atividade física e saúde do cérebro*, com objetivo de demonstrar o quanto é importante a atividade física para um bom funcionamento cerebral; 4. *Canto da leitura*, que além do livro “As dúvidas de Stem, uma pequena célula multipotente”, exposto no ano anterior; também foi disponibilizado o livro: “Caçadores de Neuromitos: o que você sabe sobre seu cérebro é verdade?” (EKUNI *et al.*, 2015). Além desses, havia quatro estandes novos: *Neurônios de massinha de modelar*; *Estande do Sono*; *Prevenção de drogas*; *Aprendizagem e Lousa Digital*.

No Estande *Neurônios de massinha de modelar*, que ficou anexo ao Estande do Cérebro, o monitor responsável pela execução das atividades conseguiu atender até três participantes simultaneamente. Primeiramente, ele reforçava as explicações do estande que ensinava o que é um neurônio e ensinava como modelar um neurônio de massinha de modelar atóxica à base de amido (Figura 2).



Figura 2 – Atividade do estande neurônios de massinha<sup>ii</sup>

No *Estande do Sono*, um monitor desenvolveu a atividade que teve, como objetivo, explicar a importância do sono para o indivíduo (BORN; RASCH; GAIS, 2006). Para isso, foi utilizado um banner esquemático, demonstrando a quantidade de horas de sono de que ser humano, em cada faixa etária, necessita para se sentir bem, além de algumas orientações para dormir melhor (HOBSON; PACE-SCHOTT, 2002). A explicação era seguida de atividade. Havia uma folha com desenhos que os participantes poderiam pintar e uma atividade de caça-palavras relacionadas ao conteúdo do estande.



Figura 3 – Atividades no estande do sono<sup>iii</sup>

No Estande “*Prevenção de drogas*”, três monitores conduziram explicações sobre o uso de drogas e suas consequências. Os participantes puderam realizar uma atividade voltada para a pintura de áreas cerebrais envolvidas com o uso de determinadas drogas. Também realizaram três atividades com óculos simulador de embriaguez (3bscientific), com os objetivos de: a) tentar pegar um copo que ficava em cima da mesa; b) andar em cima de uma linha reta marcada no chão e desviar de obstáculos; c) tentar acertar uma bola de papel no cesto de lixo.



Figura 4 – Atividade com os óculos simulador do estado de embriaguez<sup>iv</sup>

O Estande *Aprendizagem e Lousa Digital*, localizado em sala separada, foi organizado pela coordenadora do LETED – Laboratório de Ensino e Tecnologia Educacional. Esse estande objetivava promover jogos para fixação do conteúdo aprendido, utilizando a Lousa digital, bem como fazer com que os alunos desenhassem as estruturas cerebrais na lousa.

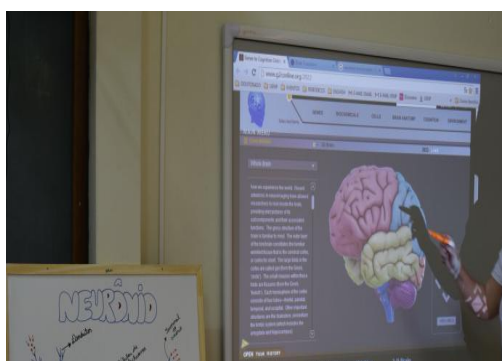


Figura 5 – Atividade do LETED<sup>v</sup>

## Resultados e Discussões

O livro de visitas, à entrada do evento, recebeu 822 assinaturas de pessoas que visitaram o evento. Estima-se que, aproximadamente, 87 visitantes eram alunos das APAEs que vieram acompanhados por 11 funcionários responsáveis, o que representa cerca de 10% dos visitantes do evento. Futuramente, pretende-se elevar tal percentual, em vista de a população com alguma deficiência no Brasil ser estimada em 23,9% (IBGE, 2010), apesar de que pelos dados da Organização Mundial de Saúde e a Organizações das Nações Unidas estima-se que, aproximadamente, 10% da população possua alguma deficiência (KASPER *et al.*, 2008). Esse número sobe para 12% a 15% da população nos países em desenvolvimento (EKUNI, 2015).

A maior parte dos visitantes das APAEs foram atendidos no horário extra; entretanto, no mesmo dia, na parte da tarde, uma professora trouxe um outro grupo



pequeno da APAE. Nesse momento, estima-se que havia mais de 100 alunos visitando o local, o que impossibilitou conversarmos com os professores.

O monitor responsável pelo livro de visitas relatou que, na visita das APAEs, um responsável registrou os nomes de seus alunos. Entretanto, somente 56 destes alunos tiveram as suas idades registradas. Com base nesses dados, a idade média dos alunos das APAEs que visitaram o evento foi 9,03 anos, com desvio padrão de  $\pm 2,83$  anos.

O evento teve, como objetivo inicial, divulgar os conhecimentos da neurociência para a comunidade de uma forma acessível e didática. Ao convidar as APAEs, o objetivo foi fornecer oportunidades a todos os alunos de participar desse momento de aprendizagem. Em relação aos organizadores que, em sua maioria, eram estudantes e futuros professores, houve também um aprendizado significativo no que se refere à troca de experiências entre aqueles que visitaram o evento. Uma das monitoras relatou que não imaginava que os alunos da APAE pudessem trazer tantas perguntas interessantes. Conclui-se, assim, que esse tipo de atividade pode quebrar pré-conceitos dos monitores e dos demais estudantes de modo a promover uma vivência diferenciada entre as pessoas, com novos hábitos, o que trará importantes ganhos na formação, tanto para os monitores quanto para os alunos da APAE.

De acordo com os relatos coletados pelos autores com as coordenações das APAEs, as mesmas informaram que os alunos “amaram o evento” e elas puderam perceber o entusiasmo desses alunos com as atividades realizadas. Uma das professoras afirmou que “com certeza (eles) guardam essa visita como um dia de aprendizagem prazerosa” (P1). Quando questionada sobre a percepção da atividade, a mesma respondeu: “Essa oportunidade permitiu aos alunos conhecerem um pouco mais sobre o Cérebro através de experiências e amostragens simples e de fácil compreensão” (P1).

Uma das monitoras relatou que, na parte da tarde do segundo dia, uma aluna de uma escola regular se aproximou de seu estande e logo saiu, e quando a monitora tentou conversar com ela, percebeu que o fato de não ter como se comunicar com a mesma era porque ela é surda. Isso não foi impeditivo para a aluna tivesse acesso aos conteúdos do evento, pois a intérprete de Libras estava acompanhando-a. A monitora relatou a tristeza que sentiu ao não conseguir conversar com a aluna. Isso justifica a necessidade e importância da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura e, ainda, a necessidade de valorização da língua de sinais, assim “entendida como o melhor meio de transmissão do conhecimento e expressão do pensamento e considerada, por muitos, como língua natural das pessoas surdas” (EKUNI, 2015, p. 39).

É importante que, cada vez mais, eventos como este se façam presentes no sistema de ensino para envolver e inserir todos os alunos e cidadãos de forma geral,

com ou sem necessidades educacionais especiais. A interação com pessoas e culturas diferentes pode ser realizada em espaços para divulgação da ciência e, também, para incluir alunos que, muitas vezes, não são convidados a participar de tais atividades, pois há certo receio dos professores em não conseguir atendê-los da forma mais adequada, o que certamente gera um ensino segregado e pouco contemplativo das diferenças.

## Referências

- ALMEIDA, M. A. Formação do professor para a educação especial: história, legislação e competências. **Revista Educação Especial**, n. 24, 2004.
- ARANHA, G.; CHICHERCHIO, M.; SHOLL-FRANCO. A divulgação científica como instrumento de desmitificação e conscientização pública sobre neurociências. In: EKUNI, R.; ZEGGIO, L.; BUENO, O. F. A. (Org.). **Caçadores de neuromitos: o que você sabe sobre seu cérebro é verdade?** São Paulo: Ed. Memnon, 2015. p. 204-220.
- BORN, Jan; RASCH, Björn; GAIS, Steffen. Sleep to remember. **The Neuroscientist**, v. 12, n. 5, p. 410-424, 2006.
- BRASIL. **Decreto nº 7.611**, de 17 de novembro de 2011. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Edição Extra, p. 5.
- BRASIL. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 1.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Seção I, p. 2. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em: 05 out. 2016.
- BUENO, J. G. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC, 1993.
- EKUNI, Roberta *et al.* Evento 'Conhecendo o cérebro': divulgando e despertando interesse na neurociência. **Revista Ciência em Extensão**, v.12, n.2, p.125-140, 2016.
- EKUNI, Roberta *et al.* **Caçadores de Neuromitos: o que você sabe sobre seu cérebro é verdade?** São Paulo: Editora Memnon.2015.
- EKUNI, Roberta et al. Projeto de Extensão Grupo de Estudos em Neurociência: divulgando neurociência e despertando vocações. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 5, p. 55-59, 2014.
- EKUNI, Roberta. **O que dizem surdos e gestores sobre vestibulares em Libras para ingresso em universidades federais**. 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- FILIPIN, Geórgia et al. Neuroblitz: uma proposta de divulgação da neurociência na escola. **Revista Ciência em Extensão**, v. 10, n. 3, p. 69-76, 2014.

HOBSON, J. Allan; PACE-SCHOTT, Edward F. The cognitive neuroscience of sleep: neuronal systems, consciousness and learning. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 3, n. 9, p. 679-693, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Demográfico. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 out. 2016.

KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J.H.; JESSEL, T.M. **Princípios da neurociência**. Tradução de Ana Carolina Guedes Pereira et al. Barueri: Manole. 4ª ed, 2003.

MACHADO, A. **Neuroanatomia Funcional**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2000.

KASPER, A. A.; LOCH, M V. P; PEREIRA, V. L. D.V. Alunos com deficiência matriculados em escolas públicas de nível fundamental: algumas considerações. **Educ. rev.**[online], n.31, p. 231-243, 2008.

MARQUES, A. L. F; COSTA, I. F. **Prática inclusiva em um centro de ciências**. Campinas, 2014.

MARTINS, A; CARPES, P. B. M. Ações para divulgação da Neurociência: um relato de experiências vivenciadas no sul do Brasil. **Revista de Ensino de Bioquímica**, v.12, p.1-3, outubro, 2014.

NUNES, M. O. **Divulgação científica da neurociência: uma possibilidade de contribuir para a autopercepção na infância**. 2014. 77 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

POLIZEL, Ariane, et al. Sarau com Libras – **Experiências na Rede Municipal de Ensino em Suzano**. Campinas, 2014.

SILVA, H. C. O que é divulgação científica? **Ciência & Ensino**, v.1, p. 1-3, dezembro, 2006.

TRÓPIA, G. Reflexões sobre o discurso na divulgação neurocientífica. **Ciência & Ensino**, v. 2, p. 1-5, junho, 2008.

---

**Notas:**

<sup>i</sup> Agradecemos à Sueli Édi Rufini, organizadora da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no Paraná (auxílio financeiro – CNPq). Ao apoio da PROEC – UENP. Aos organizadores e monitores do “Conhecendo o Cérebro 2015”: Ana Lúcia de Grandi, Bruna Jamila de Castro, Bruno Miguel Nogueira de Souza, Fernando Gianetti Fiorin, Camila Karoline dos Santos, Cristiane Monteiro da Silva Tanaka, Dyena Santos, Edgard José de Souza Junior, Edson José Malagodidos Santos, Flávio Haragushiku Otomura, Franciele Paulette Lial de Souza, Giovanna Cristina de Paula, Guilherme Corredado Guerino, Guilherme de Almeida Machado, Jean César Elizariro, Juliana Haddad, Juliana Valente Camacho Calvo, Juliany Duma de Castro, Lucas José Amaral Garcia, Luiz Felipe Pedro, Matheus Augusto Silva, Melissa Mitico Ebara, Rafael de Mattos Medeiros, Renata Rodrigues Zanardo, Osmar Roncasalia Junior, Paula Soares Dittmann, Thaisa da Silva Gonçalves, Vitor do Prado Ferreira, Victor Macklaud Gentil, Tatiane Silva Guilherme, Yasmin Gabrielle Fernandes Pujoni. Às APAEs de Bandeirantes e Andirá.

<sup>ii</sup> Fotografia de Bruno M.N.Souza.

<sup>iii</sup> Na figura à direita, a monitora explica as atividades aos participantes: à esquerda, a intérprete de LIBRAS traduzindo a explicação. Fotografia de Bruno M.N.Souza.

<sup>iv</sup> A Figura 4 mostra à esquerda, o Estande *Prevenção de drogas*; à direita, atividade de pintura das áreas cerebrais mais envolvidas com o uso de algumas drogas. Fotografia de Bruno M.N.Souza

<sup>v</sup> Fotografia de Bruno M.N.Souza.

### **Sobre os autores:**

**Monara Nelid Fortuna Vieira** é Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**Ohana Turcato Macacare** cursa graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**Ellen Mayara Souza Cruz** cursa graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**Mathilde Tiellen Mariquito** cursa graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte do Paraná.

**Luiz Renato Martins da Rocha** é Professor Colaborador na Universidade Estadual do Norte do Paraná-UENP. Cursa o Doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

**Roberta Ekuni** é Professora Assistente na Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Cursa o doutorado na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

*Recebido em: 06/11/2016*

*Aceito para publicação em 06/03/ 2017*